

# Illustração

## PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
CARLOS MALHEIRO DIAS  
DIRECTOR ARTISTICO:  
FRANCISCO TEIXEIRA

\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
J. J. DA SILVA GRAÇA  
\*\*\*

Redacção, Admini-  
stração e Officinas de  
Composição e Im-  
pressão  
Rua Ferreira, 42-LISBOA



O DUELLO E A BRIGA. AUGUSTO ROSA NO PAPEL DO «D. CEZAR DE BAZAN»  
(Cliché sóronk)



Meio seculo de successo  
**ESTOMAGO**  
 O Elixir do Dr. Mialhe  
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente  
**GASTRALGIAS, DYSPESIAS.**  
 A venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Braz  
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

**Madame**

O passado, presente e futuro revelado  
 pela mais celebre chiromante e phisicista da Europa

**Brouillard**



DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenignoy, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Das consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

**43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA**  
 Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno .....	4800 r\$00
• semestre .....	2500
• trimestre .....	1200

Assignatura conjuncta do «Seculo», «Supplemento Humoristico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha	
Por anno .....	8800 r\$00
• semestre .....	4800
• trimestre .....	2800
mez (em Lisboa) ..	700

**J. CASTELLO BRANCO**

**Bicycletas**



Marca inglesa, as mais solidas e elegantes desde 22500 réis. Bicycletas Simplex, Humbler, B. S. A. ultimos modelos. Bicycletas inglesas Radford, modelo especialmente feito para

nossa casa, muito solida, propria para aluguel, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guarda-lamas e 2 travões, preço 328000 réis. Enorme sortimento de accessorios taes como: protectores Continental, Dunlop, Coventry; camaras d'ar, businas, lanternas, rodas livres, etc., etc., tudo a preços barattissimos. Grande deposito das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. CASA SIMPLEX. Bicycletas, discos e machinas falantes.

Rua do Soccorro, 48  
 Rua de Santo Antão, 32 e 34

**LISBOA**

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

**ERNST GEORGE**  
**SUCCESSORES**

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

**Viagens ao Egypto e no Nilo**  
**Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
 Cheques para hotels.

**VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA**



# O DUELLO E A BRIGA EM PORTUGAL

Os portuguezes bateram-se muito, — e tiveram fama de se bater bem. Apesar d'isso, o duello, como instituição regular, não existiu entre nós. O combate singular como o instituiu a Edade-Media, regido por um ceremonial complexo, sujeito a regras, a principios, a convenções, movido a trombetas de prata e a vozes de arauto, criação feudal d'origem burguinhoa, — nunca poude radicar-se em Portugal. O nosso duello revestiu sempre, atravez de todos os tempos, a forma simplista, elemental, immediata, d'uma aggressão provocada e repellida. Foi uma «briga» e não uma «ceremonia». O proprio combate judicuario, expressão sangrenta do juizo de Deus, substituindo a murça vermelha dos doutores pela dalmatica d'ouro dos reis d'armas, — não existiu nos nossos costumes. Ao caracte do portuguez, rude, impetuoso e simples, repugnava o formalismo dos combates «a frio». O duello seguia-se immediatamente á injuria: era a resultante d'um acto irreprimivel, humano, fulgurante, — a aggressão. Não havia tempo para erguer *champs de drap d'or*, para bordar armarias heraldicas nos jaques e nas sobre-cotas, para reclamar a presença sumptuosa dos reis e dos bispos: á injuria respondia a violencia; á violencia, outra violencia, — e o duello constituia-se sobre uma tentativa simples de homicidio voluntario.

Na historia anecdotica dos duellos em Portugal são raros os «desafios» em forma. Os combates singulares nascem das «coimas» (*Ordenações Affonsinas*, v. 187), mais tarde das «esperas»: são aggressões á mão armada, repellidas á mão armada. Não se aprazam; surgem. Não são paradas sumptuosas; são collisões sangrentas. Não são espectaculos; são crimes. Faltalhes a magnificencia; mas sobeja-lhes a paixão. Não os annunciam os arautos; mas acaba-o carrasco.

E' no *Livro Velho das Linhagens* e no *Nobiliario do conde D. Pedro* que apparece a noticia dos primeiros desafios e dos primeiros duellos. Sobre tudo no *Nobiliario*, onde certos episodios de vida intima são revelados com a frescura e a graça ingenua de pequeninos quadros hollandezes, os combates singulares surgem frequentemente, não com o caracter judicuario ou feudal, como julgamento de Deus ou como cerimonia de cavallaria, mas sob a forma simples, primitiva e brusca de conflictos derimidos á mão armada, — e ás vezes a murro. Os velhos fidalgos portuguezes, e



Uma estocada fatal

em especial os do seculo XIII e XIV, eram eminentemente desconfiados: bastava um sorriso, um olhar, uma palavra, — e era logo «sacar sangue» e «fazer cárdeo» (como diziam os foras do tempo), às cegas, sem vêr a quem, com a espada ou com uma brafo-neira, com o conto da lança ou com uma falija delgada (*Nob.*, tit. XI, *Castros*, fl. 91). Não hesitavam diante do proprio rei. Conta o auctor do *Nobiliario*, (tit. XXXIX, fl. 204), que certo dia, em Coim-

filhas ao homem com quem a casára (ó moralidade do seculo XIII!) para a dar ao Braganção. Quando estas creaturas gigantescas, ga-leadas de ferro, barbaras como figuras de panno de Arrás, chegavam finalmente às mãos, — a violencia e a fulguração do seu choque transiam e arripiavam. Muitas vezes, d'um só talho de espada, um dos contendores ficava summariamente partido pelo meio. Foi o que succedeu a certo escudeiro de Fernando o Santo de Leão, que um dia teve a impruden-

cia e o mau gosto de desmentir um herculeo fidalgo portugeuz, Gonçalo Roiz de Palmeira, — nem mais nem menos do que quarto avô de Nun'Alvares: «alvorçou-se o paço, sahi-am se d'elle, e Gonçalo Roiz deu-lhe com uma espada por cima do hombro, que o talhou até á cinta». (*Nob.*, tit. VII, *Palmeira e Pereira*, fl. 55). Esta violencia e esta barbaridade não excluíam, uma vez ou outra, certa elegancia e certa generosidade cavalleiresca. Mas era muito raro. Tão raro, que o lindo gesto de Alvaro Pires de Castro (*Port. Monum., Scrip-tores*, 284), declarando que as unicas barreiras que opporia ao senhor de Biscaya, pae da sua bem amada, seriam, em vez de lanças de ferro, pannos de seda, — pas-sou da tradição para os *Nobiliarios* e para a historia anecdotica, como um dos mais pittorescos exemplos da fidalguia sentimental do se-culo XIII. Este Alvaro Pires, primeiro marido da mulher de D. Sancho II, D. Mecia, era uma especie de Falstaff, gordo como uma pipa anda-luza, devasso como um abade de Alcobaça, sensível como uns punhos de renda. Um dos mais curiosos desa-fios em que entrou, teve precisamente por causa a mulher, — já então rainha. Durante o cerco de não sei que villa (*o Nobiliario* não



Nun'Alvares, que em Portugal lançou o primeiro desaíio «dez por dez»

bra, estando um fidalgo portugeuz de muito mau genio, Fernão Mendes, chamado o «bravo Braganção», a comer diante de D. Afonso Henriques, o rei e os outros que com elle estavam «*riram-se de humna pouca de nata que cahira pela barbã a D. Fernão Mendes, e D. Fernão Mendes houve tão grande sanha del Rey que se quiz avir com elle...*» Ia sendo o fim do mundo. Para domar aquella fera, que espumava e rugia por causa d'um pedacinho de nata, foi preciso que D. Afonso Henriques tirasse uma das infantas suas

o explica convenientemente) viu D. Mecia na tenda real, jogando o xadrez com um tio do rei, Martim Sanches, que pela attitude e pelos modos parecia disposto a substituir-se ao sobrinho. Ou por excesso de escrupulo cavalleiresco, ou pela illusão momentanea de que ainda era elle o marido ultrajado, Alvaro Pires veste as armas, calça as pesadas manoplas de ferro, toma uma lança de bafordo, — e ahí va elle



«Un lance en el siglo XVII»  
(Quadro de Domingo y Marquès, existente no Museu de Arte Moderno)



Camões—o *Tranca forte*

de encontro á tenda, obeso, gigantesco, aggressivo, enorme, no seu jaque curto de telz d'ouro, castigar o galanteador d'uma mulher... que já não era a sua. Martim Sanches, colhido de subito, sem armas, embrulhado apenas n'um amplo saio de escarlata, deitou a mão a um escudo e a uma lança pendentes de um dos esteios da tenda *«deu uma tão grande lançada a Dom Alvaro Pires, que lhe passou o escudo e o perponde e a loriga e chegou á carne, e Dom Alvaro Pires, porque o viu desarmado, não lhe quiz dar com o ferro da lança, tornou o conto, deu-lhe com elle no escudo, e tornou-se muy passo para a villa.»* (*Nobiliario do conde D. Pedro*, tit. vii, fl. 42). O nosso Falstaff—que excellente figura de comedia!—era tão generoso como ridiculo. Raras vezes vestia armas, porque soffocava; e de ordinario, quando tinha de combater, ia á frente da sua hoste, vestido d'uma simples roupa larga de grã ou de panno verde de Oviedo, empunhando, como unica arma offensiva,

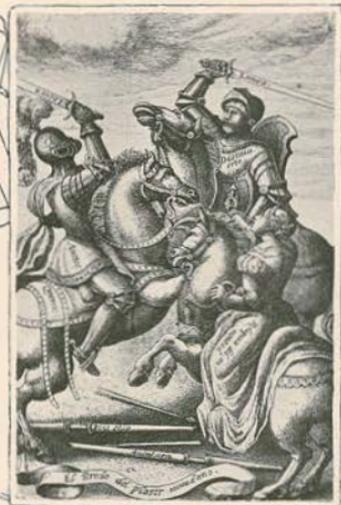
uma faliça, ou varinha delgada de zambujeiro. É claro que esta caricatura heroica realisou na sua epoca um typo de excepção e de extravagancia, pelo qual seria impossivel aferir o caracter geral do fidalgo nos primeiros tempos da nossa realza barbara. Figuras bronzeadas, severas, taciturnas muito mais pesadas na sua fereza sombria do que o marido de Mecia Lopes na sua monstruosa obesidade, os fidalgos portugueses do seculo XIII foram especialmente sensiveis ao insulto. E não só os fidalgos: as *plebs pulla*,—toda a gente. Os Foraes estão cheios de referencias curiosissimas aos insultos do tempo e ás multas exaggeradas que lhes correspondiam. *«Pro stercore in ore»*—a maior affronta que se podia fazer a alguém—pagava-se a me-ma multa que por morte d'homem ou rauzo de mulher virgem (Foral de Santarem,—*Leges et consuet.*, 405, 406). Chamar a um homem «cornudo, gafo, judeu ou traído» e a uma mulher «ceguladera ou gafa» (Foral de Castello Rodrigo, 865), era um crime grave, que perante a justiça se remia por cinco morabitos d'ouro, e perante o offendido por «sangue sacado» ou «chaga de ferro mudo». Insultar era, em plena Edade-Media, peor do que violar ou assassinar. Uma unica palavra, pronunciada certo dia n'uma camara do pigo de D. Afonso III, deu logar a uma tremenda scena de sangue. Foi o caso que dois donzéis irmãos, da linhagem dos Marinhos, tomados de razões com um moço da camara da rainha, Vasco Pimentel, lhe chamaram «mazelado»—por ter nascido um anno depois da viuvez da mãe. A resposta foi prompta e sangrenta: *«deu a um d'elles tão grande pnhada que lhe britou logo um olho, e com o outro se foy a abraçar e foy cahir com elle por uma fresta a fundo do paço...»* (*Nob.*, Pimenteles, tit. xxxv, fl. 182).

Mais tarde, pouco a pouco, sob a influencia das novellas do cyclo bretão, que começavam a ser lidas, a primitiva barbaridade do portuguez foi-se espiritalisando n'um mysticismo



Uma heroica defeza

heroico onde a virgindade resplandecia como suprema virtude. O duello superiorizou-se como fórma de derimir questões moraes de ordem mais elevada. Já não era apenas uma aggressão mutua; era uma collisão de illuminados, que se batiam por influo divino, com o sobre-gonê de brocado d'oiro sobre as armas negras, imitando os cavalleiros da Tavola Redonda. D'esta pleiada accesa pelo mysticismo bretão, destaca-se, impulsivo e virginal, na imitação casta do Livro de Galaaz, o moço e ingenuo Nun'Alvares. E' a leitura das novellas inglezas que o leva ao seu primeiro desafio. Bruscamente, manda reptar o filho do mestre de S. Thiago, João de Ançores, excellent cavalleiro, para com elle se matar «dez por dez» (*Chronica do Condestabre*, cap. x). O rei sabe, prevê um desastre, oppõe-se, manda reter Nun'Alvares por seu irmão Prior do Crato, não cede nem ás sollicitações do conde de Cambridge,—e o desafio «dez por dez» não se chega a realizar, com grande dôr de Nun'Alvares, que vê desfazer-se todo o seu sonho de Galaaz adolescente. Entretanto, os cavalleiros an-



dantes começam a visitar a nossa côrte. O delirio da cavallaria, com os seus Palmeirins d'Inglaterra, vestidos d'oiro, sobre ginetes magros, os seus bôbos, os seus anões, os seus reptos sangrentos, os seus preçõs de arauto, percorre, como uma labareda de desvairemento, todos os espiritos. O infante D. Henrique, o infante D. Fernando, Nun'Alvares, só pensam em conservar-se virgens,—para se poderem bater melhor. Já na côrte de D. Afonso V, é ainda com enthusiasmo e com respeito que é recebido no Paço o cavalleiro andante messire Jacques de Lalain, subdito do Duque de Borgonha, irmão e companheiro da insigne ordem do Tosão d'Oiro, que vem a Portugal formular, perante toda a nobreza, o repto classico da cavallaria do tempo (*Chronique du bon chevalier Jacques de Lalain, par Messire Georges de Chastelain, roi d'armes*, cap. XXXVII a XLII). Em attenção ao parentesco proximo entre a casa de Aviz e a casa de Borgonha, D. Afonso V não permittiu que o desafio fosse acceto por nenhum dos fidalgos presentes. Ao cavalleiro andante foi ofe-



1—A cavallaria representada por personagens allegoricos. (*Reprodução de uma gravure*)  
2—Uma rreicta desesperada

recido pelo rei um solemne banquete nos Paços d'Evora, ao qual se seguiram danças ao som de clavicórdio. Messire Jaques, sobre cujo pellote de brocado de Flandres resplandecia o vello d'oiro, teve a honra de dançar com a rainha de Portugal. O *champ de drap d'or* transformou-se em serão do Paço. Mas o desvairamento foi transitorio. A cavallaria não creou raizes entre nós. Não lográmos exportar, na sua feição typica, sobre o corcel magro de D. Quixote, um unico cavalleiro andante. O nosso ultimo lampejo reuiu nas armas negras do *Magriço*. Secco, risinho, erecto, viril, com as chagas de Christo abertas no jaque branco, os acicates d'oiro rasgando a gualdrapa de brocado, os abraços e avan-braços rangendo no entre-choque do ferro, uma nuvem de poeira por aureola,—cumpriu o seu dever de cavalleiro batendo-se pela sua dama ingleza, e fel-o simplesmente, naturalmente, com o gesto nobre e simples de quem calça uma luva. Tinhamos recebido do norte, com as novellas do cyclo bretão, o delirio das justas e dos torneios: com as estocadas lampejantes do *Magriço*, fomos em pessoa á Inglaterra devolver-lh'o intacto. Nunca mais pensámos em cavallarias. O episodio de D. Sebastião foi um incidente anachronico, uma revivescencia de Galaaz virgem,

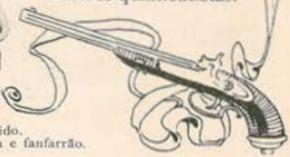


*St. P. Antonio das Chagas, filho do Reguice, fundador de S. Francisco, Moimimim, S. Paulo e Bahia, natural de Bona, e fundador de S. Paulo, grande espadachim arrependido.*

operada pela mentalidade regressiva de um epileptico e de um doente.

Mas, se o cavalleiro andante se não adaptou entre nós, —succedeu absolutamente o contrario com o espadachim. Esse —Deus de piedade! —existiu sempre. Existe ainda hoje. Existirá enquanto existir Portugal. A versão portugueza do fanfarrão esgrimidor e arruaceiro constitue um typo, que a litteratura e em especial o theatro se encarregaram de fixar e definir. Começa a esboçar-se com a substituição das quatro primeiras escolas de espada preta em Lisboa, no primeiro quartel do seculo xv (Christovam Roys de Oliveira, *Summario*). Depois, o espadachim floresce e enraizaa, multiplica-se e triumphaa. Os mestres d'armas pullulam. Não se ensina o jogo italiano ou o jogo hespanhol, floridos em manejos altos: ensina-se a matar, a assassinar, com todos os ardis desleaes e todas as traições occultas. Em Coimbra é preso um mestre d'arnas (1548) por trazer espada de mais da marca e punho de retroz. Quasi todos mulatos, os mestres instituem verdadeiras escolas de crime. Cria-se em Portugal uma nova arte, —a arte da gualteira. E' Jorge Ferreira de Vasconcellos que n'uma das suas comedias recolhe e fixa a palavra, —derivada talvez de «gualteira», o rebuço encapuzado dos valentes quinhentistas.

1 — O padre Balthazar da Encarnação, natural da villa de Serpa, fundador em Portugal da congregação dos monges descalços de S. Paulo, grande espadachim arrependido.  
2 — Frei Antonio das Chagas, no seculo o capitão *Bonina*, celebre duellista e fanfarrão.



Ser mestrenar-te complexa da gualtaria, era possuir todos os segredos do rufião e do espadachim corredor de viellas e de alfurjas, saber ordenar uma espera e vibrar uma estocada «em raio de sol», conhecer todos os recursos da espada preta, desde a sciencia de bem escolher um terreno até á arte de bem ferir na sombra. Todas as noites, nos arcos ou nas betegas da cidade, havia esperas, arruaças, brigas sangrentas. Os embaçados surgiam de cada canto. Foi preciso consentir aos mechanicos e homens de trabalho honrado o porte de armas, de noite, depois do sino, para sua defesa (Leão, 2. Comp., pag. 408). A vesania da esgrima preparava o commettimento de toda a especie de crimes. O duello era um expediente para facilitar o roubo. Os proprios frades goliardos conheciam a espada preta e guardavam o ferro debaixo do habito. O *Frei Capacete*, de Gil Vicente, é a satyra do frade brigão, arruaçeiro, devasso, entendido na gualtaria e pratico na arte de matar. *Frei Paço*, cortezão, duellista, com a sua espada doirada e a sua gorra de velludo sob o capuz de S. Francisco, não passa de uma versão ton surada do espadachim do seculo XVI. Os proprios mestres d'armas eram frequentemente presos por morte de homem. Em Setubal (1510) um mestre mulato, Jorge Fernandes, assassina, á traição, um pobre diabo inerte. Apesar d'isso, o rei é o primeiro a protegel-os: D. João III, em 1556, permite ao mestre d'armas castelhano Juan Robledo, como premio, o uso da sêda nos seus vestidos. Estabelece-se, na côrte, o ensino da espada preta aos



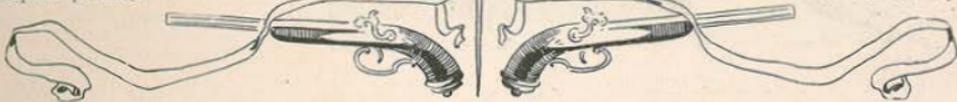
De embocada, aguarella de a Sua Magestade a

moços fidalgos. Em Coimbra, os escolares, com a sua capa negra e o seu enroçado branco, batem-se á noite, nas viellas, segundo as lições de mestre Henrique e de mestre Jeronymo. Um d'entre elles sobreleva a todos: é barbuivo, giganteco, poeta, blasona de uma serpente d'oiro sobre campo verde, e chama-lhe—o *Trinca Fortes*. Bate-se um dia, na praça de Sansão, por causa de uns olhos negros,—e assombra a Universidade; mais tarde escreve um poema, no desterro da China,—e assombra o mundo. Com o loiro D. Sebastião, archangélico e virgem, surge uma geração de espadachins adolescentes. Andam todos encostados aos pagens, como damas melindrosas, gemendo e falando effeminadamente, ao uso do tempo,—mas dêem-lhes uma espada para as mãos, e vejam que virilidade, que dextreza, que elegancia, que raça! E' mestre Antonio, um bom velho, que prepara toda essa mocidade, ao mesmo tempo feminil e heroica, para a triste jornada de Alcacér-Kibir. E' elle que n'aquellas mãos côr de rosa, onde scintillam joias, cria musculos d'aço para o açougue de uma grande batalha. Mas já o sombrio Philippe II, na dureza angulosa do seu perfil austriaco, surge da ampla estufa de coiro pregado que o conduz a Portugal. Vestido de setim branco, tendo abandonado, sob o pallio d'oiro do sol de Lisboa, o seu lucto negro de trinta annos, vem placidamente completar e legalisar a usurpação. Uma grande onda hespanhola galga sobre nós. Derrubam-se os feltros negros; abotoam-se os gibões de coiro; as grandes espadas de taça, com o «*hierro despierto*» de Toledo, repu-

Roque Gameiro pertencente Rainha D. Maria Pia

mestre Antonio, um bom velho, que prepara toda essa mocidade, ao mesmo tempo feminil e heroica, para a triste jornada de Alcacér-Kibir. E' elle que n'aquellas mãos côr de rosa, onde scintillam joias, cria musculos d'aço para o açougue de uma grande batalha.

Mas já o sombrio Philippe II, na dureza angulosa do seu perfil austriaco, surge da ampla estufa de coiro pregado que o conduz a Portugal. Vestido de setim branco, tendo abandonado, sob o pallio d'oiro do sol de Lisboa, o seu lucto negro de trinta annos, vem placidamente completar e legalisar a usurpação. Uma grande onda hespanhola galga sobre nós. Derrubam-se os feltros negros; abotoam-se os gibões de coiro; as grandes espadas de taça, com o «*hierro despierto*» de Toledo, repu-



xam e levantam em crista de gallo as capas escuras; uma pluma vermelha, agressiva, sangrenta, abana ao vento no castor dos sombreros, — e o espadachim, remoçado, virilizado pelo cruzamento castelhano, apparece mais pittoresco, mais característico, mais impressivo ainda, rondando de dia sob as rótulas verdes da cidade, ou embuçado, á noite, na claridade ba-

ça dos nichos d'azulejo. E' elle que ajuda a fazer a revolução de 1640. E' elle que se bate em duello, na Horta do Ducado, depois d'uma partida de dados seccos e de beliches. E' elle que põe mascara, de noite, nas ruas escuras da cidade velha, para vibrar impunemente uma estocada de punho aos peitos (*Coll. Chronol. de Leis extrav.*, pag. 192). E' elle, finalmente, que aprende os tahos, revezes e altabaixos de Pantaleão de Rua e do rei d'armas Thomaz Luiz, — dados segundo as lições de D. Antonio Juste Iver, mestre de espada preta em Madrid. Andam em todas as boccas os nomes dos grandes duellistas de Hespanha, — o marquez de Velada, o conde de Puñon, o capitão Blas de Rueday Valdés. Enquanto limpam as armas ou compõem as manoplas de camurça, os magros espadachins portuguezes, de que Montesquieu, nas *Lettres Persanes*, dá uma caricatura admiravel, folheam o livro de Francisco de Ettenhard, mestre do rei de Hespanha, ou meditam sobre as singularissimas paginas da *Filosofia de las armas fundada en la astrologia, simetria, arithmetica y geometria*. Com a pleiada de espadachins do tempo de D. João IV surge o mais tenebroso e o mais typico dos



Um duello no seculo XVII



Duello por honra das damas. (Fac-simile de uma miniatura da *Histoire de Gérard Duquesclin*)

duellistas fanfarrões que tem tido Portugal, — D. João de Castro Telles, senhor do Paul de Boquilobo. Chamavam-lhe em Hespanha o «Don Quixotes»: que tal elle era! Um dia, n'um pateo de comedias, em Sevilha, julgando vêr escarncida a figura de D. João IV, ergue-se do seu banco, arranca da espada, desprende a capa, — e desafia collectivamente a platêa em peso. Mais tarde, em 1667, na cruz do adro de S. Domingos (contam-n'o as *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*) é elle que dirige a espera de que resultou a morte do marquez de Sande e conde da Ponte, D. Francisco de Lima: á sua voz, um grupo de embuçados cujas espadas luzem na sombra, assassina com dez estoca-

das o grande diplomata, quando descia do persevão doirado da sua liteira para ouvir na Capella Real as matinas de Nossa Senhora. Mixto de covardia e de bravura, é elle ainda que vae desafiar á villa da Chamusca um capitão de cavallos,—e encontrando-o doente de ca-

ma atravessa-o com uma estocada. Mas enquanto este D. Quixote portuguez applica, nos seus desafios crimosos, a sciencia de espada preta de D. Luiz Pacheco de Narban, a arte de matar é posta ao serviço de sentimentos mais profundos e mais nobres. Outras



figuras de mais fidalgo sangue derim em pelo ferro graves problemas de honra e sombrias questões d'amor. A

«preciosa» do tempo, a «bandarra», que se começava a mosquear de signaes, a empoar á franceza, a usar bastão de punho d'ouro e de Limoges, a abandonar o seu feito hespanhol de *nhã Boba*, a lèr latim com frei André e a dançar a pavana com mestre Placido, — tornou-se o motivo constante das grandes brigas de espada. Por causa da condessa de Villa Nova, o proprio D. João IV bate-se em duello, de noite, no Pateo das Columnas, com o poeta D. Francisco Manuel, auctor da *Carta de guia de casados*. O ciu-me desvaira-os; encontram-se no pateo da casa da condessa; o rei, sombrio e encapuzado, arranca da espada ao desembocar de uma escaleira de pedra; responde-lhe D. Francisco, parando promptamente a primeira estocada, segundo os dicta-

*Man humos*, quadro de Meissonier  
(Reproduzido de uma aquatinta)

mes da *Dextera das Armas*, que prefaciára com um soneto; accorrem quadrilheiros, lanternas, gente; um reboliço agita o velho pateo, e D. João IV foge, ferido n'um dos punhos, deixando perdido no terreiro o seu sombrero largo de velludo carmezim. Francisco Manuel, que no *Fidalgo Aprendiz* troçara dos mestres d'armas, na bella lição de espada preta a D. Gil Gogominho, serviu-se dos seus expedientes e da sciencia dos seus «revezes» para ferir de noite, n'um difficil duello na sombra, o rei de Portugal. Como se vê pella aventura do pateo das Colunhas, D. João IV não se fazia acompanhar, de noite, nas suas aventuras de amoroso. Ia sempre só. Já o mesmo não succedia a D. Affonso VI. Idiota, lesado de metade do corpo, facinora por instincto, impotente por herança morbida (*Processo*, pag. 58), sahia de noite



pelas ruellas e alforjas de Lisboa, a perseguir mulheres e a desafiar homens, seguido de toda a mafra baixa dos negros e dos eguariços, á frente da qual marchava, com a lamina da espada pintada de preto, para poder ferir na sombra sem ser visto, o quinquilheiro italiano Antonio de Conti Vintimiglia (*Catastrophe de Portugal*, pag. 104). Foram innumeros os crimes committidos por esta onda de sicarios reaes.

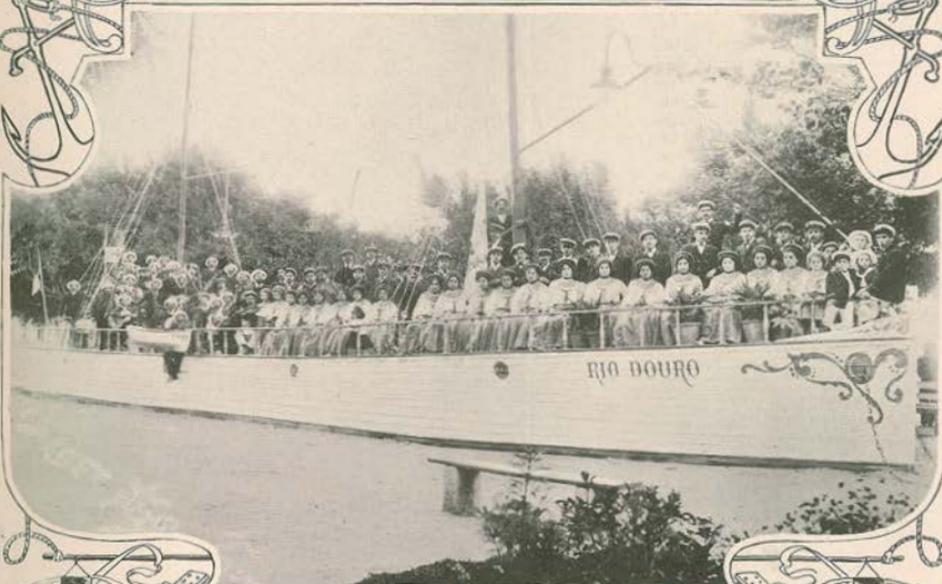
(*Continua*).

JULIO DANTAS.



1— Combate singular submettido ao juizo de Deus. Reprodução de uma miniatura das *Conquêtes de Charlemagne*, manuscrito do seculo xv. 2—O retrato de D. João IV conforme uma estampa franceza. 3—O duello a cavallo

# AS FESTAS DA ESTRELLA



Os festaes nocturnos da Associação da Imprensa de Lisboa:  
1 — O rancho do Vapor da Figueira da Foz, composto de 84 figuras  
2 — O rancho Alegre Mocidade de Aveiro  
(Clickê da PHOT. NOVAES)

# O INCENDIO DA RUA DA MAGDALENA



## É ADIADO O JULGAMENTO



*Os accusados:*  
1—Leandro Gonzalez Blasquez

2—Antonio Fernandez, o Taracolo (Cliché de COELHO MOURÃO)

3—Eufrazio Brix Garcia, cunhado do Leandro



O julgamento dos accusados do incendio da rua da Magdalena, marcado para o dia 26 do mes passado, foi adiado para o dia 16 do corrente.

*O predio incendiado*  
Aspecto tirado em abril de 1907  
(Cliché inédito da FOT. FERNANDES)

*Os accusados saindo da cadeia do Limoeiro no dia do julgamento, acompanhados pelos officiaes de diligencias:*

- 1—O Eufrazio
- 2—Leandro Gonzalez
- 3—Antonio Fernandez (Clichés de BENOLIEL)



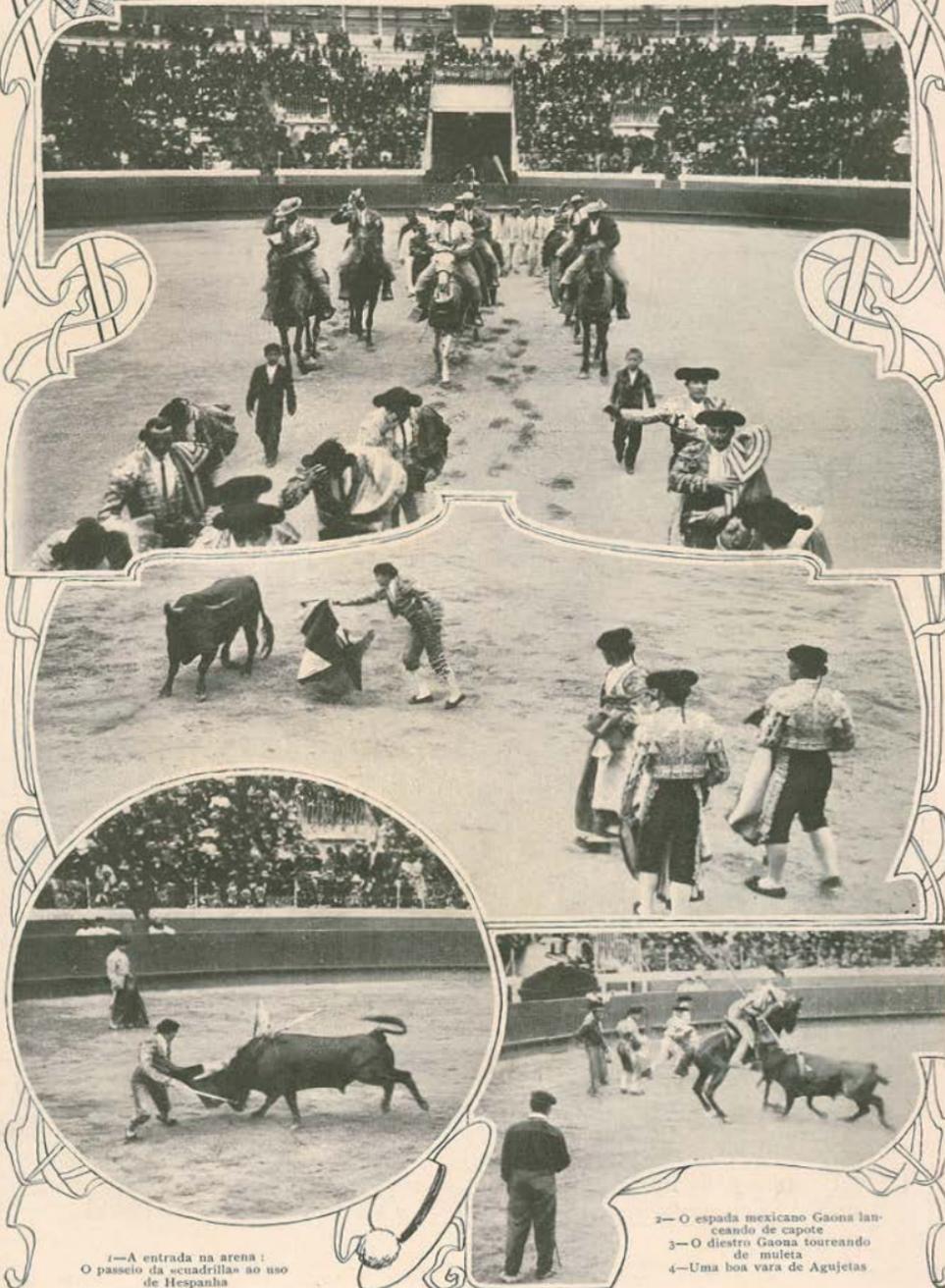


1—Dr. Alexandre Braga, advogado de Leandro Gonzalez. 2—O juiz dr. Horta e Costa.  
 3—Dr. Correia Leal, o delegado do processo, 4 — Dr. Cunha e Costa, advogado do Eufrazio.  
 5—Dr. Gustavo Martins de Carvalho, advogado do Antonio Fernandez. 6—e 7— tres acusações no tribunal:  
 a) Antonio Fernandez, b) Leandro Gonzalez; c) Eufrazio, Briz—(Clichê de 1880s.12.)



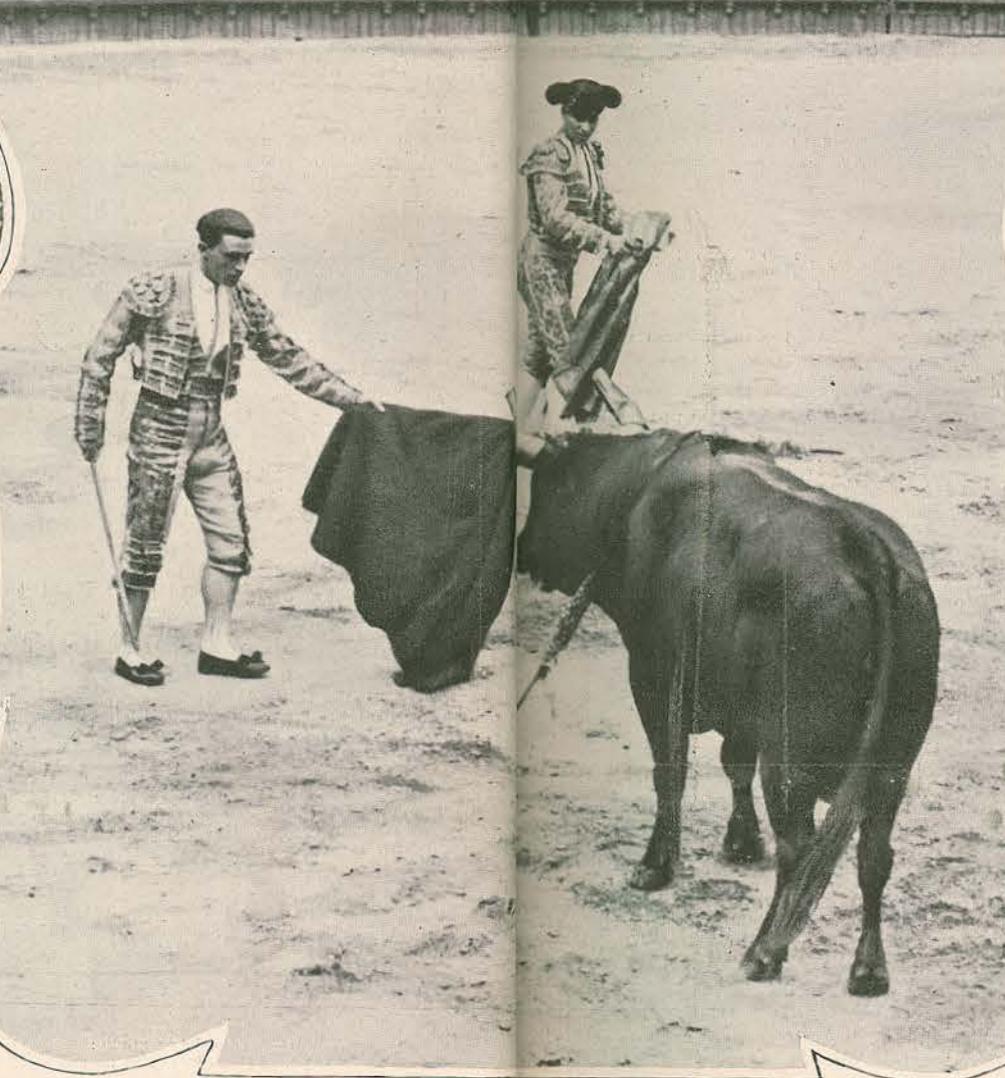
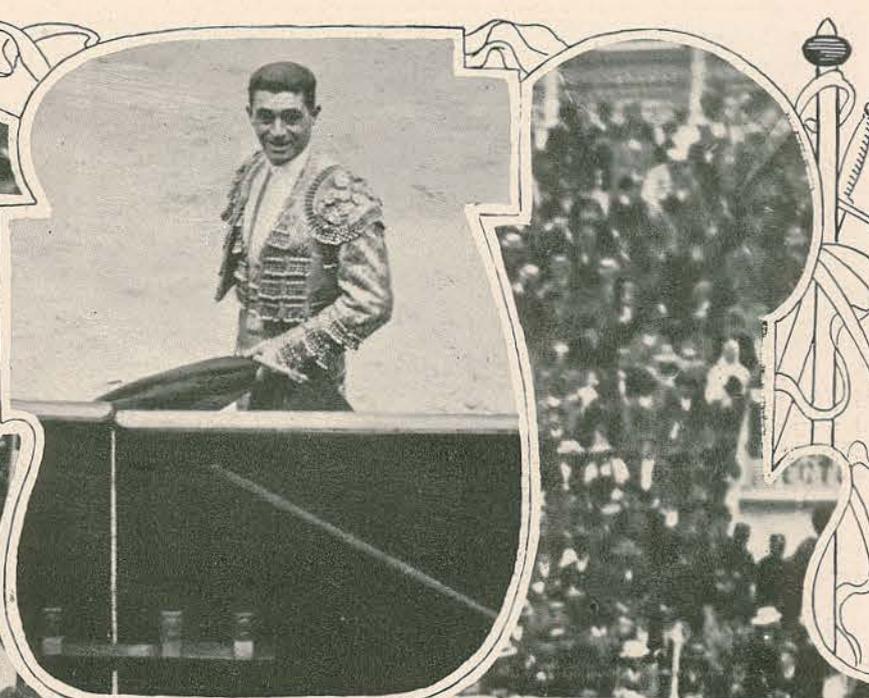
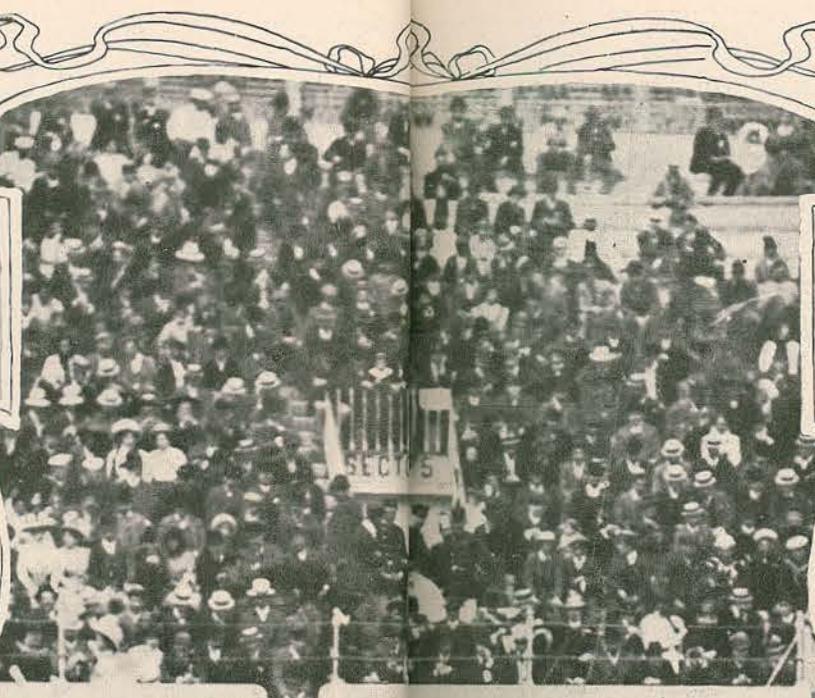
1 e 2—Os cadáveres carbonizados de duas das vítimas do incendio da rua da Magdalena. Photographias tiradas na Morgue pelo sr. dr. Silva Amado, que obsequiosamente cedeu à *Illustração Portuguesa* os respectivos clichés, que reproduzimos como documentos de verdadeiro interesse scientifico. 3—Um aspecto interior do edificio incendiado.  
(CLICHÉ INEDITO DE BENOJIEL, TIRADA EM ABRIL DE 1907)

# A GORRIDA DE BENEFICENCIA



1—A entrada na arena :  
O passeio da «cuadrilla» ao uso  
de Hespanha

2— O espada mexicano Gaona lan-  
ceando de capote  
3— O diestro Gaona toureando  
de muleta  
4— Uma boa vara de Agujetas



1—Um trecho da assistencia da corrida de beneficencia no dia 27 de junho, organizada pelo Real Club Tauromachico



2—Machaquito indo para a cara d'um dos de Concha y Sierra, em que teve uma «faena» admiravel



3—O diestro cordovez Rafael Gonzalez [Machaquito]

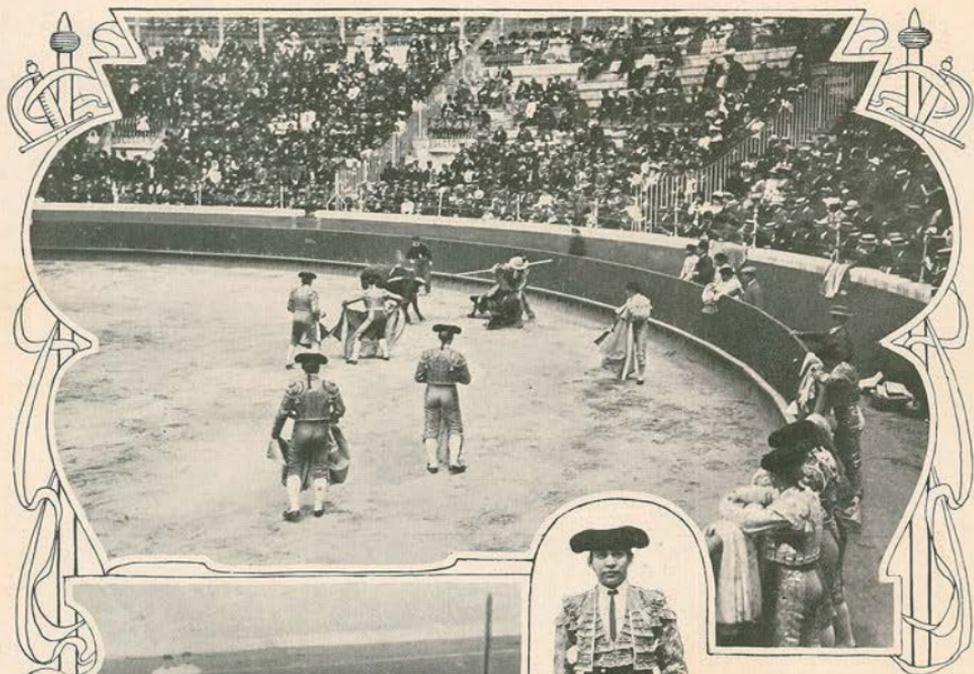
4—Os espadas e respectivas «cuadrillas» entregando as capas de «luces» e recebendo os capotes de «brega» para comecarem a lide



5—Machaquito toureando de muleta



6—Os espadas Bombita, Machaquito e Gaona, com alguns dos seus bandarilheiros



1— Uma cabida a descoberto:  
O espada Bombita  
nos quites, em que esteve  
admiravel de valentia  
e adorno



2— O diestro Gaona



3— Uma boa vara



4— O espada Gaona passando  
de muleta

(Cliches de BENOLIEL)





FRANCISCO ALVES.—O sr. Francisco Alves, o illustre editor do Rio de Janeiro, que tem prestado já innumerables serviços á litteratura portugueza, é um dos mais activos propagandistas dos trabalhos dos escriptores portuguezes na grande republica. Devido em grande parte aos seus esforços foi ha pouco mandado considerar em vigor o accordo de setembro de 1889 entre Portugal e Brazil garantindo mutuamente a propriedade litteraria nos dois paizes desde que os auctores, traductores ou os seus representantes cumpram as exigencias da lei do Brazil que trata da garantia dos seus direitos. Tornam-se assim impossiveis as contrafacções das obras portuguezas e o sr. Francisco Alves, que foi um dos homens que mais se devotou a esses resultados, merece a gratidão de todos aquelles que em Portugal trabalham n'esse campo. E' infatigavel esse editor que toda a sua vida se tem dedicado a desenvolver as relações litterarias entre os dois paizes e que ultimamente alcançou, com os seus collaboradores n'esse designio, o accordo sobre a propriedade litteraria. Character recto, honesto e probo, bem merece as felicitações que lhe tem sido dirigidas pelo exito alcançado e que tanto agrada aos escriptores dos dois paizes.



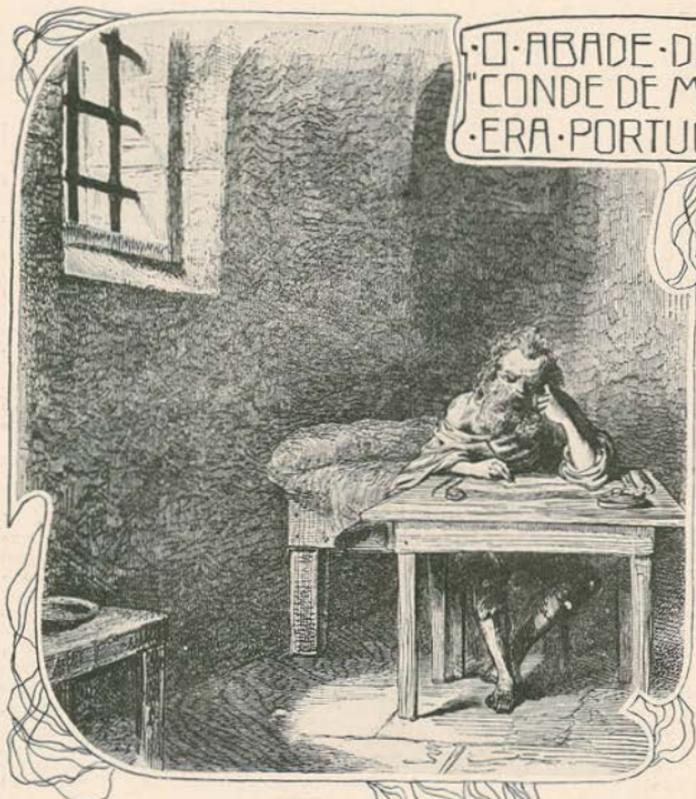
Santa Catharina de Sienna, trabalho de D. Alda da Cunha

D. ALDA DA CUNHA — A sr.<sup>a</sup> D. Alda da Cunha é uma das discipulas predilectas do illustre escultor portuense sr. Teixeira Lopes e os seus trabalhos tem obtido louvores na verdade merecidos. Muito nova ainda a sr.<sup>a</sup> D. Alda da Cunha, auctora do *Jesus em creança* e de *Santa Catharina Sienna*, tem um futuro aberto diante de si na arte a que se dedicou e na qual Teixeira Lopes, com todo o seu talento e boa vontade a tem conduzido. *Santa Catharina de Sienna* é uma obra de certo relevo que bem demonstra os dotes artisticos da distincta discipula de Teixeira Lopes.



D. Alda da Cunha, discipula de Teixeira Lopes

• O ABADE DE FARIA DO  
"CONDE DE MONTE-CHRISTO"  
• ERA PORTUGUEZ. •



por elle uma attracção mais viva, é necessario tiral-o da luz triste do seu carcere, do lugubre castello onde as aguas batem, cortar-lhe esses dialogos onde ha uma philosophia extranha, trazel-o para a vida mais real e pesando-nos immenso que elle não posua os thesouros da caverna encantada, mostral-o como elle foi tambem com a sua legenda gloriosa.

O abbade Faria—José Custodio de Faria chamava-se elle—era indio de Candolim, filho d'um amor que tem o seu quê de romantico. Seu pae fez-se padre; sua mãe, Rosa Faria, tambem se recolheu a um convento e nunca ninguém soube que abalo de paixão os levaria a esses designios. O pae, após a separação da sua companheira, apenas pensou em educar o filho e fez d'elle tambem um sacerdote, doutorado no collegio da Propaganda, sob os auspicios do rei D. José, a cuja successora dedicou a sua these *De Existencia Dei*.

Entre as figuras curiosas dos romances celebres de Alexandre Dumas, pae, que ficaram a ferir-nos a imaginação para sempre mais que o d'Artagnan cavalheiresco e bravo, mais do que o magico Althotas e que o mysterioso José Balsamo, o abbade Faria prende-nos e subjuga-nos, porque encerrado no seu carcere do castello d'If, á vista de Marselha, é tão engenhoso, tão extranho, com a sua lampada primitiva, com a sua obra bebida na idéa de Machiavel e escripta n'uma febril anciedade, com os seus thesouros de mysterio da ilha de Monte Christo, que fará fabuloso o pobre Edmundo Dantés, que jámais o esquecemos e sonhamos sempre com a sua barba emaranhada, a sua sciencia, a sua voz prophetica. Esse abbade Faria é uma criação do romancista apresentada d'esse modo e embora assim o aprecicemos muito, sintamos



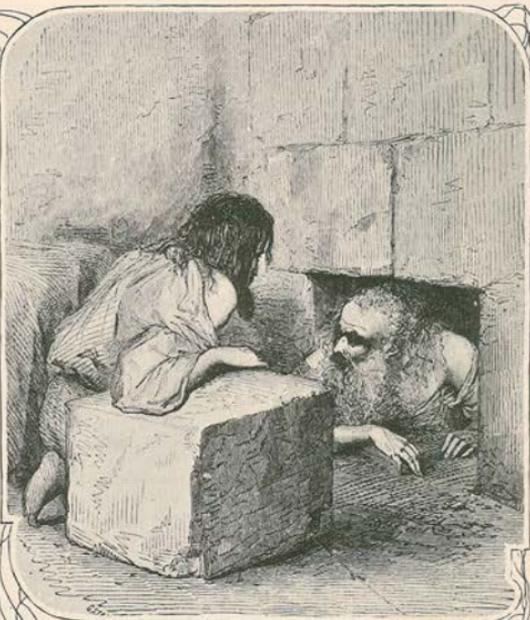
- 1—O quarto do abbade de Faria no castello de If, segundo uma gravura de G. Staal, na edição do *Conte de Monte Christo* de 1853.  
2—O grande charlatão, «Parti os braços e as pernas á vossa vontade, porque tudo se arranja facilmente com o meu remedio.»  
(Caricatura allusiva ao abbade de Faria existente na Bibliotheca de Paris)



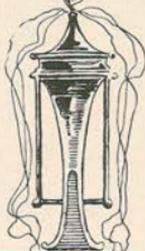


Prêgou na capella real de Lisboa, deante da côrte, sob o olhar vigilante do pae, que ao ouvir prender-se-lhe a palavra, lhe mostrou o fraco intellecto da assembléa em tres palavras do seu dialecto de Goa. Um dia saíram de Lisboa para França; falou-se n'uma conspiração em

que andavam envolvidos, mas que não se provou e chegaram a Paris na alvorada da revolução franceza no anno de 1788, quando ia explodir toda a colera contida durante seculos d'esse povo contra a dynastia. O joven abbade, em 1792, era denunciado á secção dos *Amigos da Patria* da rua Ponceau, onde morava no numero 49, como um sacerdote agitador que disserra desejar vêr erguidas no Campo de Marte tantas forcas como ali havia patriotas e guardas nacionaes. Parece que detestava a convenção; era já uma figura popular com o seu rosto abançado, com a sua estatura alta, com a sua exaltação revolucionaria e no tempo do Directorio esse homem singular, que Paris já conhecia, collocava-se á frente dos patriotas armados, no treze de vendimario, e ia lançar-se contra os convencionaes. Passada a agitação politica, o abbade Faria tinha difficil a vida, mas a sua imaginação trabalhava no sonho do magnetismo que desejava tornar uma evidente sciencia. Os trabalhos de Mesmer estavam ainda latentes nos espiritos; o mysterio apaixonava Paris após as convulsões que o tinham agitado e o abbade surgia como um ente dado a cousas sobrenaturaes n'essa epoca da superstição dos adivinhos; tornava-se um homem extranho que se começava a temer. Frequentava as casas de jogo e ligava-se á sua presença uma tal superstição, receava-se tanto o seu olhar como o de um *jettatore*. Chegavam a



A passagem subterranea do castello de If.  
O abbade de Faria e Edmond Dantés  
(Desenho de Staal na edição do romance  
da livraria Maresq et C.<sup>o</sup>)



pagar-lhe para elle não jogar e diz-se que certo individuo, naturalmente um jogador cheio de superstição, lhe arranjara um logar de professor em Marselha para se vêr livre da sua presença.

Quando tomou conta da sua cadeira visitou o castello d'If, onde a poderosa imaginação do grande romancista lhe devia fazer passar pelas mais curiosas scenas, transmudando-o de homem de sciencia em mysterioso conspirador, dando-o como italiano quando elle era portuguez. Alexandre Dumas fere então o nosso espirito em todas as scenas do *Conde de Monte Christo*, relativas ao abbade; fal-o apparecer como uma personagem de legenda, trabalhando para a fuga, offerecendo milhões, os celebres thesouros da ilha, pela sua libertação, cognominado d'abbade louco e arranja o seu encontro com Dantés ao despregar as pedras do seu carcere, d'uma fórma realmente fascinadora, n'uma atmospheria grandiosa de terrores. O romancista não conheceu o seu personagem; nunca o viu, apenas a sua imaginação foi fascinada pelo que se contava d'elle, pelas suas experiencias de magnetismo que n'um momento tinham apaixonado Paris.

Então elle, que sabia co-



«Mr. Requiem, famoso medico que curou todos os que morreram»  
(Caricatura allusiva ao abbade de Faria existente na Bibliotheca de Paris)



mo os individuos d'este genero ferem as imaginações, como as lendas attrahem, elle que disformaria José Balsamo, para o apresentar mais curioso aos olhos dos leitores, não hesitou em fazer do sabio abbade Faria o mysterioso prisioneiro do castello d'If, em

o tornar n'esse singular personagem que

todos conhecem pelo seu aspecto de phantasia, que se mette tanto no nosso espirito que sentimos pena em o expulsar para lhe darmos a vida que elle realmente teve.

No romance, Faria é como um magico; elle foi um sabio, o precursor d'uma grandesciencia, o hypnotizador celebre, que no seu livro pretendeu explicar a causa do somno lucido. O abbade nunca esteve no castello d'If senão como visitante; nunca—escusa—é dizel-o—possuiu esses thesouros de maravilha que tão facilmente o romancista lhe doou. A sua vida decorreu agitada em Paris, após o seu professorado em Marsella e Nimes, tornando-se então uma verdadeira celebridade. Em 1813, em pleno imperio, o antigo demolidor da convenção fazia conferencias na rua de Clichy, 40, a

A prisão do abbade de Faria nas mas



morras do castello de If, em Marsella

cinco francos por cabeça, sobre o seu assumpto querido. Provocava o somno lucido na creada e em algumas pessoas, no meio d'uma grande e attenta curiosidade ao mesmo tempo que nos jornaes era ridicularisado. As mulheres gaíantes, as damas curiosas, os homens que viam a sua sciencia e os que o desdenhavam, enchiam-lhe o salão onde as experiencias decorriam com incidentes; ao

mesmo tempo fazia tambem actuar o somnambulismo; falava uma linguagem extranha e ia explicando

que em todas essas cousas que se produziam não vinham d'elle nada, mas tudo dependia do organismo e da susceptibilidade nas pessoas sobre as quaes operava. Dizia tambem que não havia magia nem feiticeria nas suas experiencias e que tudo aquillo era natural.

A dor meciaos individuos pela palavra, tornava-os insensíveis, tratava de impôr o magnetismo como a sciencia que maistardetão grandiosa se devia tornar. Faziam-lhe no entanto justiça alguns homens de talento, ao passo que outros o iam ridicularisando nas gazetas como Etienne Jouy. Faria continuava sempre nas suas conferencias no meio das discussões que lhe iam enchendo as algebras e ao mesmo tempo impondo a sua sciencia e a sua figura. A caricatura tambem se apouso do abbade dando-o montado n'um cavallo magrissimo e tendo em volta da cabeça uma serie de raios com o seguinte titulo:

«Mr. Requiem, famoso medico que curou todos os mortos.»

Um dia, porém, chegou em que o grande magnetizador, a quem o romancista devia dar tantos thesouros

phantasticos d'uma ilha mysteriosa. começou a perder o seu prestigio, a apparecer no meio das risadas da multidão que até abi o vira como um homem excepcional e que o receava como a um individuo sobrenatural. A sua alta reputação, as cousas singulares que se lhe attribuiam, embora elle não quizesse que assim as vissem, o seu olhar negro e brilhante, a sua figura, a sua attitude nervosa, tudo isso contribuira para a reputação bizarra esta.



A meza do jogo  
(De uma estampa da época, existente  
na Biblioteca Nacional de Paris)

belecida em volta d'elle.

Um dia, certo actor comico de reputação, Potier, foi procurar o abade e disse-lhe que desejava muito ser magnetizado. Faria accedeu de bom grado e quando o julgava já no somno lucido, o actor levantou se d'um pulo e riu-se-lhe nas bochechas, declarando que não sentira a menor commoção. O abade nunca pensou no grande ruido que esse caso ia fazer, nas inquietações mortaes que d'elle lhe adviriam.

O actor mandou escrever por Jules Vernet uma peça intitulada *Magnetismo mania*, onde, com o nome de *Soporito*, o abade Faria surgia; o actor tão bem imitava a sua voz, o seu olhar, os seus gestos, o seu traje, que Paris riu a bom rir, encheu a sala do espectáculo e começou a vêr no abade Faria um charlatão. Abandonaram a sua casa de experiencias, trocaram-na pelo theatro onde Potier continuava a encher-se d'ouiro á custa do pobre abade que apparecendo assim satyrisado pela primeira vez no theatro mais tarde surgiria no romance *O Conde de Monte Christo* como um ente de maravilha e tambem no palco despertando as imaginações ao contar a Edmundo Dantés onde se encontrava o thesouro do cardeal Spada que os Borgias tinham perseguido e incarnado por Bonnat.

Quando tinha  
a sua celebra-  
dade em Pa-



ris mettia-o Dumas no velho castello; enquanto elle tratava a questão do somno lucido que devia deixar no seu livro, fazia-o encontrar o marinheiro Dantés, doavalle essa ilha onde tantas pedrarias, tantas joias, tantas riquezas havia. Em 1819 o abade Faria morreu d'uma apoplexia na sua casa da rua des Orties, 4. Tinha 64 annos. A sua obra foi a d'um sabio que não explorou com as suas descobertas, antes as apresentou sempre como naturaes, levando-as para onde ellas deviam estar: o campo da sciencia.

Muito pouca gente o conhece assim tal qual elle foi e que um recente trabalho do sr. Dalgado revelou bem como o livro do sr. visconde de Faria *Ma visite à Mail-laux*, mas uma quantidade enorme de pessoas, os milhões de leitores do *Conde de Monte Christo* conhecem-no, sentem-se fascinados pela sua figura como o romancista o apresentou e sempre que um d'elles passa em Marselha não deixa de ir visitar o castello d'If piedosamente, de se deter deante do carcere sinistro onde Alexandre Dumas o fez morrer.

A Société des Etudes Portugaises de Paris, em memoria do abade Faria, vae mandar collocar na casa da rua Ponceau, n.º 7, que elle habitou em 1792, uma lapide, que o sr. Dalgado já pedira no seu livro sobre o extranho abade do romance, sobre o sabio a quem se rende justiça, lapide que deve dizer assim:

L'ABBÉ DE FARIA  
N. 1756 — M. 1819  
A HABITÉ CETTE MAISON  
EN 1792

D'este modo se presta a homenagem merecida a José Custodio Faria, o heroe mysterioso do *Conde de Monte Christo*.



Vista da ilha de Monte-Christo, em uma edição do romance  
de Alexandre Dumas

# CURSOS DE COIMBRA



- 1—Bachareis do curso do 5.º anno juridico de 1857-1858, reunidos em Coimbra no dia 13 de junho para commemorarem o 31.º anniversario da sua formatura  
2—Bachareis do 5.º anno theologico-juridico de 1873-1874, reunidos em Coimbra no dia 3 de junho, para commemorarem o 35.º anniversario da sua formatura

*(Photographias obsequiosamente offercidas pela phot. Uniao do sr. Ferreira de Carvalho)*

# UM CASTELLO ROMANTICO ALMOUROL



No seculo x vivia no castello d'Almoúrol D. Ramiro, um grande frãgoeiro, que ia ás fossadas de mouros e tinha uma mulher linda e uma filha encantadora. Em volta do castello batiam as aguas. Como ainda hoje, elle era como um tritão extranho escutando o manso vozear das se-reias. D. Beatriz — a filha do castellão — comprazia-se em cantar endeixas ao luar, toda ella era sorrisos para as aguas prateadas, e no seu seio casto não havia um só amôr. Houve um dia grandes tumultos em terras da mourama e D. Ramiro tomando o seu cavallo, vestindo as suas armas, dispôz-se a ir bater os infieis com a alma cheia de rancores e o corpo disposto á batalha. Deixou sósinhas no castello a mulher e a filha e taes proezas praticou, de tal fórma embebeu o seu montante no sangue da moura-

ma, que ficou maldito para ella. Nos acampamentos á luz dos fogareus, soltavam-se imprecações contra o cavalleiro christão que se lembrára de por honra da sua signa, taes proezas praticar. Nunca mais se lembrou D. Ramiro dos seus feitos, das suas proezas n'essas terras onde tão bravo fôra, mas ao regressar ao seu castello topou ainda no caminho duas moursas galantes que iam, de cantaros á cabeça, buscar agua á fonte do caminho. Viu-as e aquelles corpos de mulheres esbeltas e gracios não commove-ram a sua alma; atirou sobre ellas o ginete, mergulhou duas vezes a lança nos seus corpos e deixou-as prostradas no relvedo do caminho. á beira do Zezere preguiçoso. N'um socalco chorava um mourinho d'onze annos e o cavalleiro, tomando-o pela cinta, es-canchou-o



1—O castello d'Almoúrol visto da margem sul do Tejo  
2—A' porta do castello

no murzello e levou-o consigo para escravo. Era um pequenino captivo, filho da moura morta, irmão da virgem assassinada e que entrou na ponte levadiça e forte de Almourol a refterver em coleras e a jurar vinganças.

Beatriz era uma creança que começava a despertar e ali n'aquella solidão, sem jámais vêr rosto de cavalleiro, entrou a afeioar-se ao pequenino mouro que calava na garganta os seus odios deante do rosto côr de neve e côr das rosas da Beatriz formosa. Entrou a amal-a, com um amôr todo d'alma, uma afeição em segredo, muito sua, que o obrigava a dilacerar com as suas unhas de servo votado a todos os ruins serviços o peito mimoso onde cantava um soberbo amôr. A sua vingança ia esquecendo dia a dia, noite a noite, à medida que Beatriz lhe apparecia sorrindo a pedir-lhe que fôsse colher para ella as brancas plantas das lagôas visinhas do castello. O mouro sentia-se poeta. Colhia as flôres e dava-lhes cem beijos doces nas suas mãos nevadas. Chegou o tempo do cavalleiro D. Ramiro ir a nova fossada, de largar do castello com escudeiros e pagens para ir chaci-

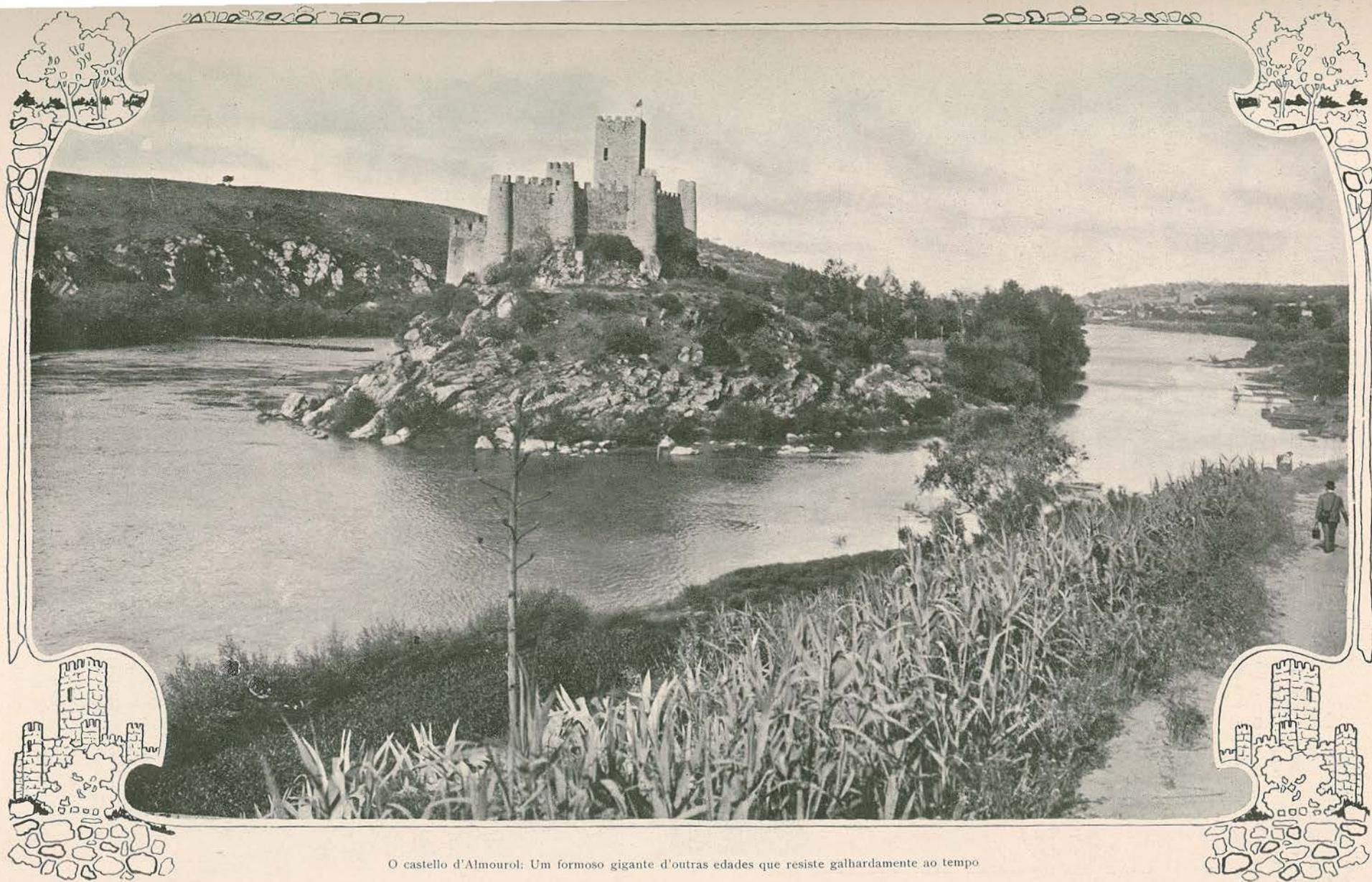
Não tinha novas do pae; só aquella voz dolente e cheia de poesia lhe falava d'um grande amôr contido desde a meninice, e Beatriz, debruçando-se para o rio, sentia na sua nuca o halito ardente do servo que já esquecer a vingança. Debalde nas suas noites, chegando até ao caes, pro-



1—No interior do castello. 2—Em Tancos: uma rua

nar de boa vontade a mourama irrequieta. Andou por lá anno e dia, e sua mulher, como uma viuva inconsolavel, começou de chorar lagrimas de sangue e entrou a definhar-se de tal modo, a cavar as faces, a perder as côres, que dentro em pouco morria n'um outomno triste em que caíam ao longe as folhas das arvores nas planicies extensas. A filha chorou-a muito, mas como não ha mal de saudade eterna, como um amôr novo apaga sempre outro amôr, entrou de se dedicar dia a dia mais ao mourinho, que lhe falava da sua raça na sombra pãvida da torre albarrã.

curava forças para se embarcar e partir por esse rio além à procura das pégadas do murzello de D. Ramiro e debalde ella tambem se refugiava junto do seu altar a resar aos santos que idolatrava, porque sempre via a face morena do mouro e os seus olhos accesos d'uma luz suave a ouvir-lhe todo o seu amôr. Não podia mais resistir-lhe; esquecer a pae empenhado na extinção da raça do seu amado; olvidára os preconceitos e sentira na sua carne branca o fremito de a juntar para sempre ao corpo abaçanado do mourinho. Amaram-se á luz do luar, viveram de



O castello d'Almourol: Um formoso gigante d'outras edades que resiste galhardamente ao tempo

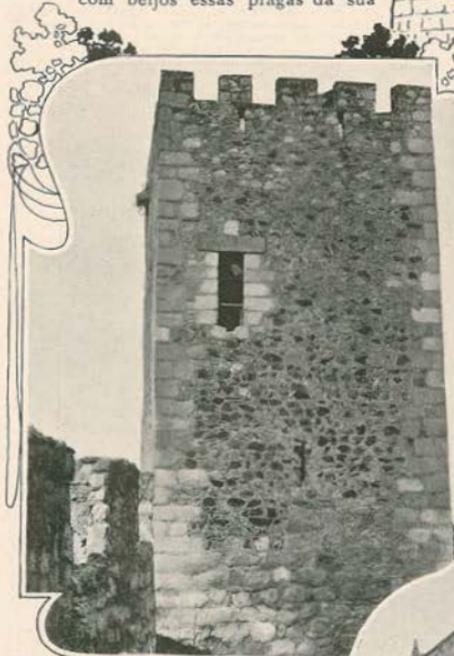
beijos com grande pasmo das damas e donzeis; era pequeno o castello romantico d'Almouro para as suas correrias de namorados e o mouro já vestia armas de cavalleiro e já esquecera de todo a sua vingança. Um dia confessou-lhe o seu odio e ella calou com beijos essas pragas da sua



ouviu. Já curvava a cabeça para ser sacrificada, livre emfim d'essa vingança que lhe turvára tanto tempo a vida; ella, porém, sorrindo, tomando-o meigamente pela mão, levou-o a fugir para o largo n'um batel á mercê das ondas, na ancia de escapar á furia do pae que chegava. D. Ramiro já não os encontrou, e então, ajoelhado sobre a sepultura da mulher, entrou tambem a perder as côres, a deifnar-se, a encarecer, para morrer annos depois amaldicoando as suas maldades e os seus crimes. E dizia-se que na noiva de S. João, sobre as ameias do castello romantico d'Almouro, appareciam enlaçados os corpos de D. Beatriz e do mouro que ella tanto tinha amado.

Tal é a legenda romantica d'essas torres que o rei de Portugal ha dias visitou, calcando com o seu estado maior os caminhos escarvados do castello d'Almouro, perdido no meio das aguas como uma torre legendaria na qual Gualdim Paes — o Templario — pôz algumas pedras a resuscital-o, enchendo-a da legenda forte dos cavalleiros d'outras edades.

A par d'essa lenda romaneca de amores, outras mais antigas de



1—A torre de menagem. 2—Egreja de Tancos

alma; o seu sonho era viverem ali eternamente, ligados pela sua enorme affeição, a dizerem um ao outro os seus pensamentos. Elle dedilhava na cythara as lendas do tempo; ella ouvia-o embevecida. Já não pensavam no cavalleiro D. Ramiro, que andava por terras mouriscas a fazer a chacina e a cobrir-se de sangue e de gloria. Um dia, porém, uma nuvem de poeirada annunciou ao longe a sua chegada imprevista. Voltava da batalha coberto de louros e ancioso por mostrar-a ao mouro escravo e á filha estremecida. Não sabia da morte da mulher. O mouro

gigantes e de princezas encantadas se ligam tradicionalmente ao lindo castello metido nas aguas, formoso nas suas ameias, galhardo nos seus paredões, com as suas torres altas e as suas torres negras que o rio reflecte na sua superficie azul. Todos que passam a distancia d'Almouro, caminho de Tancos, sentem prender-se os olhos n'esse symbolo do passado medieval do castello portuguez a que se prendem as grandes recordações da cavallaria, os feitos ousados dos templarios valorosos, d'uma poesia formosa em que passam amores e heroismos.

# OS POETAS POPULARES



Felisberto Teixeira Pinto é latoeiro e poeta. Fez agora 60 annos. No Porto onde reside é muito conhecido e a sua modesta officina tem sido visitada por todas as celebridades portuezes. O velho poeta publicou dois livros intitulados *Horas d'ocio* e *Margens do Douro*. Não produz versos satyricos como a maioria dos poetas populares, dedica-se á poesia grave, preferindo sempre os assumptos severos como demonstra no soneto que inserimos; por vezes faz versos sentimentaes alguns d'um certo valor que o tornam muito apreciado na sua terra, onde a sua figura é popularissima.

## O convento de Santa Clara de Villa do Conde

Admirando tão bello mosteiro edificado  
Com tanta elegancia e magestade,  
Que é tão remota a sua antiguidade  
É as cinzas do fundador tão venerado.

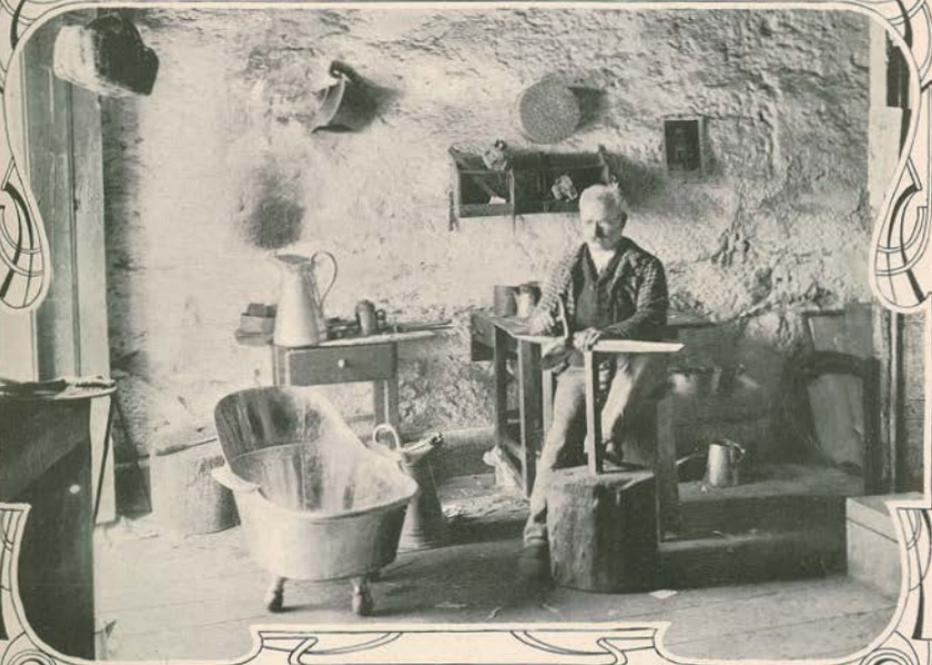
N'uma das ricas capellas jaz sepultado  
D. Afonso Sanches, cuja entidade,  
Do seu pae, o rei D. Diniz, teve auctoridade,  
Que a senhor de Villa do Conde fôsse elevado.

E aquella soberba fachada do mosteiro,  
Que de orgulhosa tanto se admira,  
Como a d'um palacio real verdadeiro,

E quantos olhares em todo elle se inspira,  
Com os seus novecentos e noventa e nove arcos!  
A photographia tão linda vista tira.

Porto, 21—6—909.

(Clicks do SR. ANTONIO SOARES DUARTE).



1—Aproveitando as suas horas de ocio, 2—O poeta Felisberto no seu gabinete de trabalho

# Modas



*Modelo Beer:* Vestido em liberty preto, túnica de seda cinzenta guarnecida de perolas da mesma cor e agulhetas de ouro e prata



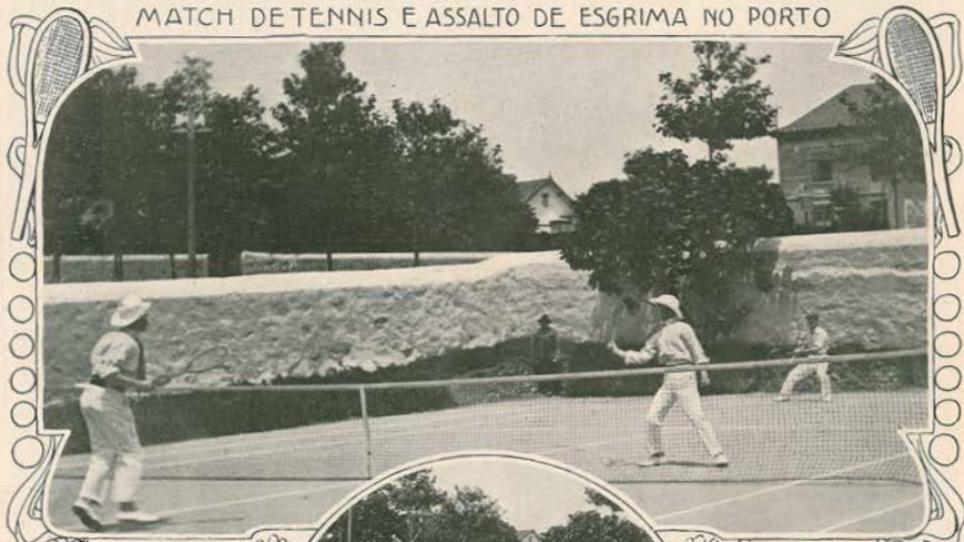
Modelos Bichoff David.  
Vestido de radio fu-  
chsia guarnecido de  
aplicações antigas

Como de costume, a *Ilustração Portuguesa* oferece às suas leitoras os últimos modelos da moda parisiense, directamente reproduzidos para a nossa revista pelo seu correspondente photographico especial.

(Clichés de VBLIX)

# ESPORTOS

## MATCH DE TENNIS E ASSALTO DE EGRIMA NO PORTO



1—Um aspecto do match de tennis organizado pelo grupo de Carreiros.



2—Um assalto de esgrima pelo sr. Antonio Lenhos e Carlos Reis  
(Clichê do sr. AUGUSTO TEIXEIRA)



3—O grupo que tomou parte no match:

1.º plano da direita para a esquerda o sr. Francisco Martins e os vencedores srs. Alfredo W. Hardy e Antonio Callem; Augusto Teixeira e Charles Guillaumin  
2.º plano da direita para a esquerda os srs. Leslie Nixon, Murray e Fonseca e Silva  
(Clichê do sr. CALLEM)



**CASTANHEIRO** DA  
ARMADORES ESTOFADORES  
PRAÇA LUZ DE CAMÕES 88 - LISBOA  
TELEF. 1346  
ENDEREÇO TELEGRÁFICO (ASTAL)



**Companhia do** 270, R. da Princesa, 270  
\*\*\*\* LISBOA \*\*\*\*

49, R. Passos Manuel, 51 **Papel do Prado**  
\*\*\*\*\* PORTO \*\*\*\*\*

Installadas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior, (Albergaria a Velha).

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma.

Endere. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO  
PRADO — PORTO — LISBOA

Numero telefonico:  
308

**BASTA EXPERIMENTAL-O**

Para adoptal-o para sempre

-Saratoff (Russia), 14 de janeiro de 1898.

-III<sup>o</sup> Sr.

-Muito lhe agradeço o gracioso mimo com que me presenteou, estou saesfeticissima com o bem estar que se sente na bocca quando se emprega o seu ma-



D. MARIA ALEXANDROWNA

ravilhoso dentifricio, o Dentol; pois basta experimental-o para adoptal-o para sempre.

Assignado: Maria Alexandrowna.

O Dentol (agua, pasta e pó) é, na verdade, um dentifricio não só soberanamente antiseptico como tamem de cheiro mui o agradavel.

Creado co:lorne os trabalhos de Pasteur, elle destroe todos os maus microbios da booca; tambem evita e a ó cura com certeza a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as doçcaas da garganta. Em poucos dias, dá aos dentes uma alvura brilhante e destroe o tartaro. Deixa na booca uma delictosa sensação de frescura que dura bastante tempo.

Empregado puro em algodão, calma instantaneamente as raivas de dentes por mais violentas que sejam.

**LISBOA:**

J. P. Bastos, droguita, R. Augusta, 33.  
Pires Tavares, R. do Principe, 130.  
Pimentel & Quintans, R. da Prata, 198.  
Balsemão, perfumaria, R. da Conselhação.  
Thomas Mendonça & Filhos, perfumaria, Calçada do Combro, 43.  
Criner, perfumaria, R. Aurea, 131.  
José Alexandre, artigos de Paris, R. Garrett.

**PORTO:**

Rodrigues Irmãos, droguitas, R. das Flores, 153 a 157.  
Lima & Ramos, Largo dos Loyos, 36.  
Almeida & Leão, Rua Mousinho da Silveira e em todas as boas casas que vendem a perfumaria.

**Erinde a s. Nossos leitores.**—Basta mandar ao sr. Marius LATHÉLIZE, agente geral do DENTOL em Portugal, Praça dos Restauradores, Lisboa, 400 réis em sellos do correio, recomendasão do sr. de.... (indicar aqui o nome do jornal).... para receber franco de porte pelo correio uma linda caixa-nha com um vidrinho de Dentol, uma caixa de Pasta Dentol e uma outra de Pó Dentol.

**LOÇÃO DEQUEANT**

**CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS**  
Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as afecções do couro cabeludo  
L. DEQUEANT Pharmaciao 38, Rue Clichoncourt Paris  
Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-se officiar para todas as informações gratuitas  
A' VENDA EM TODAS AS BONS CASAS DO PORTUGAL

**Princia** Nouveau Parfum VIOLET  
29, B<sup>e</sup> DES ITALIENS — PARIS

**PRISÃO DE VENTRE**

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).  
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

**EM 20 DIAS** CURA RADICAL e INFALLIVEL  
**ANEMIA** CÔRES PALLIDAS  
CHLOROSE, CONVALESCENÇA  
PELO  
Elizir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL, CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1<sup>o</sup> LISBOA  
1300 réis o frasco franco porte em todo Portugal.  
P.FLOILLE, huz<sup>r</sup>, 2, Fsub<sup>o</sup> S<sup>o</sup> Denis, PARIS

**HEMORRHOIDAS**

CURAM-SE COM OS

**SUPPOSITORIOS**

**ADRENO-STYPTICOS**  
**MIDY**

# O melhor alimento

É O

# Grape-Nuts

Alimento moderno para crianças e adultos. A melhor e mais leve alimentação para ser tomada ao almoço, ao lunch e à ceia. Todas as pessoas que tem excessivo trabalho intellectual devem tomar este precioso preparado alimentar. Não precisa ser cozinhado. Vende-se em pacotes de 300 rs. PEDI EM TODA A PARTE. Elle vos reconstituirá as forças perdidas, dando-vos idéas novas, boa disposição e melhores digestões.

## VOYAGES EN SUISSE

Billets divers à Prix réduits, Aller et Retour, Circulaires. **ABONNEMENTS GÉNÉRAUX.**  
 Pour tous Renseignements et Brochures, s'adresser à l'AGENCE OFFICIELLE des CHEMINS de FER FÉDÉRAUX,  
 20, Rue Lafayette, PARIS. — (Joindre Timbres pour réponse et envoi de brochures.)

**BADEN** - les-Bains. Station thermalique renommée p<sup>o</sup> santé, Excursion, Sétologie. Proj. : Biret, des Bains.

**GENÈVE** - **LAC DE GENÈVE**  
 et le **MONT-BLANC**

**GRISONS** - Célèbres stations climatiques et balnéaires. **CHEMIN de FER RHÉTIQUE** (Ligne de l'Albula, altitude 1823 mètres). Ouvert toute l'année. Billets et enregistrements directs de et pour les principales gares de l'Europe. — **COIRE**, Capitale. Séjour agréable.

**DAVOS**, Cure d'air. Alpinisme. Sports d'hiver.

**ENGADINE** - **ST-MORITZ**, Station balnéaire et climatique. **PONTRESINA**, p<sup>o</sup> familles et touristes.

**TARASP - SCHULS - MARIA**, ex-ten des lacs.

**TARASP - SCHULS - VULPERA**, Station balnéaire (analogue à Carisbad) et climat. alpestre. altit. 1950 m.

**FLIMS** altit. 1150 m. Forêts superbes. Bains du Lac.

**RIGHI, PILATE, STANSERHORN, BURGENTOCK, ENGELBERG, LAC DES QUATRE-CANTONS.**

**INTERLAKEN** - Station climatique alpestre. Golf. Kursaal: G<sup>o</sup> Orchestre. Attractions.

**LUGANO** - Situation incomparable. Centre de 3 lacs suisses-italiens. Routes St-Gothard et Simplon. 121 de Milan.

**MONT-SOLEIL** - p<sup>o</sup> St-Imier, Jura, 1258 m. Pesticiaire. Séjour climatique d'altitude. Forêts sapinières.

**TERRITET** - **CLION CAUX**

**YVERDON** - les-Bains. alt. 428 m. **St-CROIX** - les-Bains, Jura. Eau et exercices très sains. Golf, et tir.

Ligne du Simplon. C<sup>o</sup> Viège - Zermatt, 1620 m., et Gornergrat, 3136 m. Panorama grandiose.

**ZERMATT** - Lac et Zurich (Tours et bains - Alais) Doider (thermalique), altitude 1520 m.

**ZURICH** - **UR** - Ca. de fer et al. Goldau-Righi, renommé. Schönfels-Zugerberg (top.) p<sup>o</sup> Zurich.

**GUIDE DES HOTELS** - Prix + Vues de 1000 Hôtels. Envoi contre 30 cent. par l'Agence des Chem. de fer Fédéraux. 20, Rue Lafayette, Paris.

DISPONIVEL

DISPONIVEL

## Concurso de 1909

## O SECULO

Organizou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores

EIS O PLANO DA IMPORTANTE DISTRIBUIÇÃO DE PREMIO:

- 1 DE **5:000\$000** EM INSCRIPÇÕES
- 3 DE **2:500\$000** " " "
- 4 DE . . . . . **500\$000** " " "
- 10 DE . . . . . **200\$000** " " "
- 10 DE . . . . . **100\$000** " " "
- 50 DE . . . . . **20\$000** EM DINHEIRO
- 100 DE . . . . . **10\$000** " " "
- 350 DE . . . . . **5\$000** " " "

Além dos premios descriptos haverá mais

**4:000**  
PREMIOS

REPRESENTADOS POR OBJECTOS DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA A GENTE

**Total 4:528 Premios**

Esta distribuição deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

Mais outro pedaço de um TODO que vos dará a felicidade futura. Colloca-o na vossa caderneta de coupons e teréis alcançado meio caminho para a fortuna

